

RDP – Antena 2

Programa: “O Véu Diáfano”

Comunicação sobre:

“França, primeira metade do séc. XX: Bartók: *O Castelo de Barba-Azul* (1911)”

Quinta-feira, 12/05/2011, 23h00

Quinta-feira, 19/05/2011, 13h00

Duração comunicação: 60 minutos

Resumo:

Em 1902 Claude Debussy triunfava com *Pélieas et Mélisande*, a obra prima simbolista, composta a partir de um drama de Maurice Maeterlinck.

Ravel, quanto a ele, acossado pela sombra de Debussy, pela comparação quase inevitável com o seu brilhante contemporâneo, 13 anos mais velho e com a vantagem de uma obra prima como *Pélieas et Mélisande* em portefólio, Ravel, ele, procurava afastar-se, manter-se ao largo da influência, rejeitando o confronto e a comparação quase inevitável. E assim, ao contrário de Debussy – e provavelmente só pela necessidade de ser seu contrário – Ravel recusa a estética simbolista, de que *Pélieas* era o modelo e obra máxima. E quando começa a trabalhar na sua primeira ópera, *L’Heure Espagnole*, cinco anos após a estreia da ópera de Debussy, Ravel escolhe um possível oposto da escrita simbolista, e cria uma magnífica homenagem moderna à grande tradição da ópera *buffa* italiana. Era este, dir-me-ão, o caminho possível de Ravel para se manter fora da orla da influência debussysta; era este o antagonismo inevitável se desejava sobreviver como compositor naquela França do começo do século XX, compreensivelmente subjugada ao génio de Debussy.

Mas não Bartók, na sua longínqua Hungria, apartada das grandes novidades estéticas e da modernidade teatral e composicional de Maeterlinck e Debussy. Ao contrário de Ravel, assombrado pelo fantasma do seu ilustre contemporâneo, disputando o mesmo público, os mesmos palcos e aquela mesma Paris de começo de século, Bartók, ele, quase 20 anos mais novo que Debussy e num país de periferia, deixa-se deslumbrar (conscientemente) pela influência do mestre francês e não hesita em compor um drama que, não tendo sido escrito por Maeterlinck, se assume porém na filiação da maravilhosa estética simbolista, verdadeira arte do sonho.

Herbert Bauer, de nome germânico, nascera em pleno império austro-húngaro, em Agosto de 1884. Quando aos 16 anos publica os seus primeiros poemas, assina-os sob o pseudónimo literário Béla Balázs, reivindicando assim, desde tenra idade, a sua genealogia húngara, a afirmação da sua terra, língua e cultura natal.

Poeta, romancista, cineasta, homem de convicções e intervenção política, Béla Balázs escreverá o libreto de ***O Castelo de Barba Azul*** e também o argumento do bailado ***O Príncipe de Pau***, duas das obras primas de Béla Bartók.

A estética de Balázs sofrerá influências determinantes numa importante viagem que realizou a Paris, em 1906, com o seu amigo Zoltan Kodály. Este último, companheiro de estrada de Bartók, futuro parceiro das suas infatigáveis pesquisas etnomusicológicas, descobre nessa viagem o impressionismo de Debussy, as suas perspectivas estéticas e composicionais arrojadas e incrivelmente inovadoras na época.

A descoberta da obra de Debussy por Kodály é simétrica à de Maeterlinck por Balázs, perdendo-se os dois homens, fascinados, nos dédalos do simbolismo. E, de regresso à Hungria, Kodály transmitirá a Bartók a sua bagagem simbolista e impressionista, fornecendo ao futuro autor de ***O Castelo de Barba Azul*** uma das influências determinantes do seu estilo inicial.

O libreto da ópera, escrito por Balázs, inscreve-se assim na filiação directa do simbolismo de Maeterlinck, do mesmo modo que Bartók aceita muitos aspectos da influência debussysta e elementos concretos da sua técnica, como as famosas progressões harmónicas que não obedecem a uma sintaxe tonal, mas à lógica de uma sonoridade particular, de uma melodia em acordes por assim dizer.